

# A natureza do amor

Rui Pina Coelho



<

*Os juramentos indiscretos*,  
de Marivaux,  
enc. José Peixoto,  
Teatro dos Aloés / TNSJ  
(Carla Chambel  
e Sara Cipriano),  
fot. João Tuna.

**Titulo:** *Os juramentos indiscretos*. **Autor:** Marivaux. **Tradução:** Maria João Brilhante. **Encenação:** José Peixoto. **Cenografia e figurinos:** Marta Carreiras. **Música:** Luís Cília. **Desenho de luz:** Jochen Pasternacki. **Assistência de encenação:** Anna Eremin. **Interpretação:** Adriana Moniz, Carla Chambel, Carlos Malvarez, Jorge Silva, José Peixoto, Nuno Nunes e Sara Cipriano. **Produção:** Teatro dos Aloés / TNSJ. **Local e data de estreia:** Teatro Carlos Alberto, 8 de Março de 2012.

Se a natureza do amor pode de alguma maneira ser entendida há-de ser pelo teatro. E, no teatro, poucos estarão tão perto de a saber esclarecer como Marivaux (1688-1763). Figura com uma presença intermitente nos reportórios nacionais, este dramaturgo francês esculpe como poucos os voláteis contornos do amor – esculpe-os na areia e a poder de sopro, mas ainda assim, ousa esculpi-los. Assim, e de acordo com a CETbase, base de dados do Centro de Estudos de Teatro da Faculdade de Letras de Lisboa, o primeiro texto de Marivaux apresentado em Portugal remonta a 1904 (*Le jeu de l'amour et du hasard*) pela companhia francesa Bartet-Duflos, sendo a primeira produção portuguesa da responsabilidade do experimental Teatro Estúdio do Salitre, em 1949 (*O legado*, parte do 9º espectáculo essencialista); só depois em 1954 o Teatro do Povo apresentaria um texto de maior fôlego – *O príncipe disfarçado* – com encenação de Ribeirinho e tradução de António Lopes Ribeiro.

José Peixoto, Maria João Brilhante, Marta Carreiras e Luís Cília, na encenação, tradução, cenário/figurinos e música, respectivamente, regressam ao clássico francês depois de, em 2002, o Teatro dos Aloés ter apresentado *Amor, verdade e mentira*, com Elsa Valentim, Micaela Cardoso, Jorge Silva, Pedro Matos, Ricardo Alves e Rui Rebelo. Assim, este *Os juramentos indiscretos* volta a reunir uma equipa criativa versada na teia dramática de Marivaux – e a verdade é que esse convívio catapultava este espectáculo para níveis de entendimento e domínio da matéria dramática pouco usuais. Apresentado pelo Teatro dos Aloés (em coprodução com o Teatro Nacional S. João), *Os juramentos indiscretos* é um espectáculo de uma delicadeza espantosa, inteligente, vibrátil na energia jovem que convoca, e que não deixa esquecer a felicidade que é poder fazer teatro, a felicidade que é poder montar mentiras frágeis para poder falar – como mais nenhuma arte consegue falar – da vida, das coisas, de nós. E da natureza do amor também, claro.

>  
*Os juramentos indiscretos*,  
 de Marivaux,  
 enc. José Peixoto,  
 Teatro dos Aloés / TNSJ  
 (Carlos Malvarez  
 e Nuno Nunes),  
 fot. João Tuna.



A direcção de José Peixoto, extraordinariamente empática e conhecedora do intrincado tecido dramático de Marivaux (competência que lhe descobrimos também em relação ao universo goldoniano ou tchekoviano, por exemplo), permite ao espectáculo ganhar balanço entre zonas de uma poesia mais palavrosa e áreas de uma temperatura quotidiana, sem nunca deixar que o espectáculo se espraie. Assim, na primeira cena, Lisette e Lucile (Adriana Moniz e Carla Chambel) aparecem de calças de ganga e tshirt. Se os seus gestos e poses são perfeitamente reconhecíveis no quotidiano, as suas frases transportam uma elegância e métrica que só depois encontrará correspondência, quando subtilmente e normalmente começarem a vestir os elegantes figurinos que sinalizam o tempo de escrita das belas frases. Mas, surpresa, tudo isto se faz sem surpresa, com ligeireza e cadência: com teatro. Como se teatro e vida nunca se tivessem separado por um instante que fosse.

Marta Carreiras, cada vez mais autoral nas suas criações cenográficas, compõe um belo postal que, embora estático, nunca deixa de oferecer motivos de regozijo ao olhar durante as quase duas horas de espectáculo. E só isso, não houvesse mais, já era obra, porque, convenhamos, muitos cenários de grandes efeitos tecnológicos, de espantosas mutações e de prodigiosos malabarismos não o conseguem. Marta Carreiras, com apenas três elementos sempre presentes e sem alterações, cria uma ambiência que não só aguenta a prova do tempo de duração do espectáculo, como o emoldura dramaturgicamente. Assim, do tecto descem, suspensas, frágeis e invertidas, várias árvores de ramagem despida. O chão do palco está coberto de pétalas vermelhas, garridas de cor e de textura quente. Ao fundo do palco, dois biombos com roupa pendurada criam bastidores e marcam as portas de entrada. A servir o jogo dos actores, um escadote e algumas cadeiras de madeira. Tudo simples, depurado, de pura intuição teatral, sublinhando a artificialidade de tudo: do teatro, do amor,

da vida. E ao mesmo tempo criando uma atmosfera acolhedora.

Mas a verdadeira maravilha destes *Os Juramentos indiscretos* está nos actores – um elenco de uma juventude alegre, garrida e solar. Carla Chambel (Lucile) – actriz que se estreou profissionalmente n'*A disputa*, de Marivaux, em 1995, também com tradução de Maria João Brilhante, encenação de João Perry, um espectáculo de referência para a sua geração –, Nuno Nunes (Damis) e Sara Cipriano (Phénice), no trio amoroso em desavença, são de uma intensidade e doçura incedíveis. Nunca querendo convencer-nos que podiam ser nossos vizinhos ou que nos poderíamos cruzar com eles no metro, trazem humanidade e profundidade a traços e tipos eminentemente teatrais. Carlos Malvarez (Frontin) e Adriana Moniz (Lisette), os criados, são o dinamismo de tudo – energia, cor, ritmo – são eles que, com pequenas coreografias mínimas, entre a dança e a *commedia dell'arte*, e com um jogo alegre, vão pautando o espectáculo. E também Jorge Silva e José Peixoto, os pais casamenteiros, nas suas breves aparições, aportam são momentos de humor.

Em suma, um texto delicado e inteligente, jogado com altos níveis de empatia, um espectáculo espantosamente simples, superlativamente concebido e executado, pensado com saber teatral e que prova que o teatro quando serve, serve. Até para tentar perceber essa coisa fugidia e esculpida na areia que é a natureza do amor.